
Autonomia Escolar e o Curso Noturno:
A Construção do Projeto Coletivo

O título deste artigo solicita ou indica que trabalhemos, reflexiva e indagativamente, sobre três aspectos: curso noturno, autonomia escolar e construção do projeto coletivo escolar. E mais: que interliguemos, também reflexiva e indagativamente, esses três aspectos.

Ultimamente, tenho apreciado realizar reflexões indagativas ou investigativas. Não apenas pensar, mas pensar detidamente, retomando as idéias já pensadas e tentando clareá-las cada vez mais. E não só isso: ao fazê-lo, procurar saber mais, cada vez mais, a respeito do tema ou do assunto objeto da reflexão. É a isso que se chama pensamento indagativo ou investigativo. Investigar numa busca continuada de clarezas, tendo em vista poder situar-se ou viver melhor no mundo.

No caso desses três temas - que se resumem a apenas um, de certo modo -, acho que a indagação ou a investigação deve ajudar-nos a viver melhor ou a efetuar ações melhores neste aspecto do mundo ou da realidade que é o educacional escolar acontecendo à noite - aspecto este não desvinculado ou à parte do todo da realidade, mas que apresenta suas próprias particularidades.

'Mestre em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP, professor de Filosofia da Educação na PUC/SP.

A realidade como um todo merece nossa reflexão investigativa, assim como determinados aspectos dela, uma vez que eles, de certa forma, iluminam o todo e dele recebem diversos clareamentos.

Este aspecto - o educacional escolar acontecendo à noite - merece, por certo, nossa reflexão investigativa. Nele estão envolvidas muitas vidas humanas e pretende-se que aconteça, a contento para essas muitas vidas humanas, Educação escolar. - A contento! - O que seria ou o que é uma Educação escolar a contento? - Educação escolar e... a contento.

Podemos indagar sobre as duas noções, que querem indicar, por certo, duas realidades. Educação escolar, podemos pensar, é um conjunto de ações e relações que acontecem dentro de escolas, que pretendem ajudar os chamados "educandos" a se tornarem seres humanos de um ou de outro jeito e que acabam produzindo educadores", como seres humanos, também desta maneira. Um conjunto de relações e ações que acontecem na Escola, resultando em influências ou mesmo determinações sobre os seres humanos nelas envolvidos. Influências e determinações que os fazem ser seres humanos de uma ou de outra forma, conforme forem tais influências de determinações.

Isto é sério: as relações e ações que acontecem em qualquer Escola não são neutras. Elas redundam em influências e determinações nas pessoas nelas envolvidas; é inevitável. Tal constatação é resultado deste primeiro esforço de investigação.

Podemos, no entanto, fazer um segundo esforço investigativo-reflexivo detendo-nos indagativamente na seguinte questão: essas influências e determinações que as ações e relações educacionais escolares produzem podem ser controladas pelas pessoas envolvidas em tais relações e ações? Ou, então: as influências e determinações aqui referidas podem ser alteradas, caso os envolvidos não gostem delas, ou mantidas, caso eles gostem delas? De quem ou do que elas dependem?

Aqui já são duas indagações:

- De quem ou do que as influências ou determinações educacionais dependem?
- Tais influências ou determinações podem ser alteradas ou mantidas, se se quiser?

Ao que parece, a primeira indagação pode ser respondida da seguinte forma, pelo que foi dito anteriormente: as influências e determinações sobre as vidas das pessoas - das quais estamos falando - dependem das ações e relações educacionais que acontecem nas escolas e da forma como acontecem.

A partir daí, a segunda indagação também pode ser respondida: as influências ou determinações sobre as vidas das pessoas podem ser mantidas ou alteradas, se forem mantidas ou alteradas as ações e relações educacionais que acontecem nas

escolas. Isto parece claro. E claro parece, também, que o grande problema, ou a grande questão, está nas relações e ações educacionais que acontecem na Escola. É nelas que se pode ou não mexer. Ou melhor: fica claro que, se puder alterá-las; de algum modo, alterar-se-ão as influências e determinações delas decorrentes e, se forem mantidas, manter-se-ão tais influências e determinações.

Ótimo! Mas pode-se mesmo mexer nelas, alterá-las ou até decidir mantê-las?

A reflexão investigativa, aqui, não precisa ir muito longe para se obter alguma resposta ou clareamento. As ações e relações educacionais que acontecem em uma Escola dependem de vários fatores e elementos (ditos resultantes de múltiplas determinações! ...). Dentre estes fatores e elementos estão **as pessoas nelas envolvidas**, isto é, os alunos (sim, isto mesmo, os alunos!...), mas também os professores, o diretor da Escola, os assistentes de direção, os coordenadores pedagógicos e de áreas (quando existentes), os funcionários e até os pais dos alunos e, um pouco mais distantes, as outras pessoas do chamado sistema escolar (supervisores de ensino, delegados de ensino) etc.

As pessoas! Nessas relações e ações educacionais escolares as pessoas têm um peso muito grande, podendo decidir muita coisa - apesar da existência de muitos outros fatores que, obviamente, também pesam nessas ações e relações, Talvez seja fácil e até simples essa constatação, mas não é tão simples e fácil perceber como, de que modo e, principalmente, por que as pessoas estar-se-iam envolvendo conscientemente para alterar ou manter tais ações e relações educacionais escolares.

Pensemos primeiro no porquê ou nas razões que as pessoas teriam para estar-se envolvendo ou se preocupando (e se ocupando...) em alterar ou manter as referidas ações e relações educacionais escolares. Pensemos, por exemplo, nos chamados profissionais da Escola, os educadores (professores, pessoal da direção, coordenadores etc.).

Há, em todos os relatos que lemos ou ouvimos, ou na literatura de que dispomos, indicadores de que estes profissionais da Escola noturna não estão satisfeitos com os resultados (influências e determinações) das ações e relações educacionais de que participam. Tal insatisfação é flagrante, quando se conversa honestamente com esses profissionais. E os dados que constam dos resultados escolares dos cursos noturnos não são nada animadores.

Os profissionais da Escola noturna têm clareza da existência destes resultados indesejados, e até demonstram que gostariam de resultados diferentes, o que é um bom primeiro passo. No entanto, faltam, com certeza, outros passos. E aqui entram ou devem entrar novas reflexões investigativas. Para realizá-las, precisamos de algumas questões problematizadas iniciais:

1? - Se há clareza de que os resultados atuais das ações e relações educacionais que acontecem na Escola noturna não são os desejáveis, **há clareza quanto aos**

resultados desejáveis? Os profissionais da Escola, de modo geral, e os profissionais da Escola noturna, em particular, sabem ou **têm clareza mesmo do porquê se faz Escola?** Sabem ou têm clareza dos resultados que devem ser desejados com o trabalho profissional que desenvolvem?

Essa é uma grande e séria questão: por que e para que estamos fazendo Escola? Por que e para que estamos esperando que milhões de jovens trabalhadores venham a se empenhar, à noite, no trabalho escolar? Isso está tão claro para nós que, a partir daí, somos capazes de deixá-lo também claro para esses jovens? Resolver essa questão é um segundo e necessário passo que precisa ser dado individual e coletivamente pelos profissionais da Escola. Trata-se de um trabalho coletivo e, ao mesmo tempo, individual. A Escola, como um todo, precisa ter claro por que está oferecendo determinado tipo de Educação escolar ou por que deseja oferecer um outro. E cada pessoa, individualmente, precisa, também, ter isso bem claro. É a soma dessas clarezas, individuais e coletivas, que possibilita (ainda não garante!...) o envolvimento de todos e de cada um. Mas... possibilita: é condição indispensável. Como as pessoas irão envolver-se, se nem sabem muito bem do que se trata?

O envolvimento e a decisão de fazer bem já é outra etapa, e demanda vontade efetiva, séria e comprometida de fazer aquilo que se tem claro que é preciso ou conveniente fazer.

Bem, voltaremos a esta questão do porquê fazer Educação escolar e, especialmente, à noite, para jovens trabalhadores. Por ora, continuemos com as questões problematizadoras.

2ª. - Resolvida a primeira questão, é preciso, muito honestamente, tentar resolver a segunda: esta Educação escolar - que, para nós, está claro, é boa para os jovens **é sentida por eles como boa realmente?** Boa para quê? Não para nós, mas para eles? Como, de fato, eles vêm a Educação escolar? O que querem da Escola? Como querem ou desejam que a Escola funcione, para que consigam os resultados escolares que almejam?

Será que acreditamos que eles sabem querer o saber da Escola? E é o saber da Escola que eles querem saber? **O que mesmo eles querem quando vêm, em massa, às escolas, à noite?**

Adiante, tentaremos investigar reflexivamente para caminhar na direção da resposta a essa questão.

3ª.- Imaginando uma boa resposta à primeira e à segunda questão, podemos e precisamos responder sinceramente à terceira: a forma ou a maneira como trabalhamos na Escola contribui mesmo para conseguirmos os resultados desejados por nós e pelos alunos? Como trabalhamos na Escola, especialmente na noturna? **Ela é a melhor forma de se trabalhar em uma Escola que quer os resultados que diz querer?** Mesmo não tendo todas as condições ideais, a forma como trabalhamos é a que melhor sabemos e podemos? Se fôssemos alunos nessa Escola que estamos

fazendo - especialmente do curso noturno -, sentiríamos-nos motivados e envolvidos com este trabalho escolar? Cada um de nós está satisfeito por trabalhar da forma como vem trabalhando?

Se a resposta a estas questões é não, o que está faltando para modificarmos nossas ações e relações educativas? Será que nada depende de nós?

De fato esta questão é complicada e mexe muito com a gente: muitas vezes fazemos algo de determinada maneira, mesmo não gostando, porque não sabemos fazer diferente e não nos dispomos a empreender esforço algum para realizá-lo diferentemente. É inteligente, de nossa parte, não tentar fazer diferente, se o diferente pode significar melhores resultados e, por conseguinte, maior satisfação, maior prazer no que fazemos?

Prazer! É possível obter prazer no trabalho educacional realizado em escolas noturnas?

Aqui, há bom assunto a ser melhor investigado. A reflexão tem de ir longe e com coragem de encarar tudo o que for encontrando.

4ª. -Se a investigação reflexiva-ou, o que é o mesmo, a reflexão investigativa - boas respostas às questões anteriores, **será possível realizar algo na atual situação das escolas noturnas?** O que cada professor, diretor, coordenador pedagógico pode fazer? **Ou será que essa tarefa não cabe a cada um, mas ao conjunto, ao coletivo?** Ou, ainda, a ambos: **ao coletivo e a cada um?**

A quarta questão, desse modo, desdobra-se em duas: a que diz respeito à possibilidade real de fazer algo e a que permite que isso seja realizado, sozinho ou coletivamente.

Trata-se de duas questões, mas são, na verdade, uma só: a possibilidade de fazer algo em organização tão complexa como a Escola - e, em especial, a Escola noturna está atrelada à possibilidade de fazer funcionar o coletivo que, por sua vez, vai depender da soma dos comprometimentos individuais. É!... É complexo. São as tais inter-relações. São muitas relações e ações se cruzando e marcando, com a sua forma de acontecer, as possibilidades concretas de se fazer de uma ou de outra forma.

É claro que nestas inter-relações entram não só as pessoas mas também outros fatores. **As pessoas, porém, entram e contam na forma de tudo acontecer.**

Uma idéia rica que pode ser trabalhada aqui é a de colaboração ou **co-laboração**: laboração, labor ou trabalho com... os outros. É a idéia de trabalho coletivo que, acrescida à de **autonomia**, pode estar indicando caminhos promissores para a Escola noturna. São quatro boas e complexas questões! Como é complicado, complexo pensar uma Escola noturna, ou melhor, uma proposta educacional escolar à noite!

Aliás, pensar até que não é tão complexo assim; o mais difícil - portanto, trabalhoso - é realizar, na prática, tal proposta. Não obstante isso, o pensar é, ou deve ser, um ingrediente importante de tal prática: pensar uma prática nova ou renovada, partindo da vigente, é condição fundamental para nos tornarmos sujeitos dela.

Quando vamos a reboque dos acontecimentos e abdicamos de ser os decisores do seu fluxo e conteúdo, tornamo-nos objetos deles (ou de quem os determina, em nosso lugar): aí, então, não há autonomia (autos -do eu mesmo) e sim heteronomia (heteros-do outro, de outrem).

Isto, também, dá conteúdo para novas investigações - investigar é preciso, sempre. Só investigando podemos descobrir as saídas.

5ª. - Por falar nisso, em investigações que favorecem ou permitem descobrir saídas, **há algumas já encontradas** que podem ajudar a resolver as insuficiências da Educação escolar que se realiza à noite?

As investigações não redundam em teorias e estas, por sua vez, quando são boas mesmo, não devem ser reorientadoras da prática?
Em relação à prática escolar efetuada à noite, o que indicam as teorias ou, ao menos, algumas teorias?

Esta é uma questão para desafiar mesmo! Será possível obter alguma resposta? De quem? Dos investigadores profissionais? Há tantos, não?
Vamos às investigações relativas às questões postas anteriormente e tentemos avançar um pouco em direção às saídas.

Há algo que deve ficar claro desde o começo: estas investigações, aqui, estão sendo empreendidas por uma só pessoa, que se serve, é claro, de muitas conversas ou diálogos com outros investigadores. Isso, porém, é pouco. Os que lerem, porventura, estas reflexões deverão sentir-se provocados a continuá-las investigativamente e, de preferência, dialogando com seus companheiros de prática educativa escolar relativa ao noturno. Só assim haverá alguma chance de serem encontradas respostas e saídas para as dificuldades hoje apontadas.

O papel de um texto como este é mais o de um **pretexto e pré-texto**. Um **pretexto** para que os leitores se sintam envolvidos com a temática e problemática dele decorrentes e com a busca de soluções (ou "solucionática", segundo alguns). Um **prétexto** porque, por alguma razão, ele precede, vem antes dos textos que realmente interessam: os textos dos autores da prática que aí está e das práticas novas, os quais, por serem seres humanos, precisarão ser autores da melhor teoria possível destas) prática(s). Ser autor de teoria é ser produtor de textos ou discursos explicadores, encaminhadores, acompanhadores e, constantemente, reorientadores das práticas.

Só desse modo se dá a verdadeira autoria da vida humana, que é e pode ser tão rica no espaço complexo e desafiador da Escola noturna.

Se investigar é preciso, retomemos as questões problemáticas e tentemos avançar um pouco mais em direção às saídas, às possíveis respostas. Melhor que isso, tentemos avançar juntos no processo de investigação reflexiva.

1ª. Questão - Por Que e Para Que Escola? Por Que e Para Que Escola Noturna?

Educação escolar é "uma boa" mesmo? Para que e para quem? Será que nós, os tais profissionais da Educação escolar, temos clareza da(s) resposta(s) a esta questão? Por que, para que e para quem nós e os jovens dos cursos noturnos fazemos todo esse trabalho escolar?

Tais questões, relativas à finalidade da Educação escolar e à sua "serventia" (não querendo ser utilitarista), sempre me incomodaram.

Li, gostei e até assumi esta idéia: o papel da Educação (e, no caso, da Educação escolar) é o de tornar comum (como saber) o que é comum (como fazer) em cada sociedade. Ou seja, a Educação escolar teria como papel fundamental fazer ou ajudar as crianças, os jovens e os adultos a terem um saber comum, um saber de todos e para todos, relativo a todo o fazer, a toda a prática humana da qual todos participam. As pessoas, em qualquer sociedade, não seriam apenas praticadoras ou "fazedoras" da vida, mas também sabedoras das razões, dos porquês, das possibilidades, das complexidades etc. de suas práticas e de sua realidade e tornar-se-iam, então, sujeitos dessas mesmas práticas. Por sua vez, as práticas estariam cada vez mais cheias de clarezas teóricas, de um "ver" que as tornaria significativas, ou melhor, que constituiria o significativo, o sentido da própria vida das pessoas, possibilitando-lhes até modificar tais sentidos e as próprias práticas.(2)

Acho isto bonito e profundo. Dá, inicialmente, a sensação de que somos donos ou sujeitos da prática e, ao mesmo tempo, de que é possível sermos todos, de alguma forma, autores da vida vivida.

A seguir, faço uma relação com uma idéia interessante, apresentada por Guiomar Namó de MELLO(3), que diz mais ou menos assim: o que cabe à Escola é possibilitar aos alunos conhecer, e bem (sempre gostei deste "e bem") o mundo físico e o mundo social, a quantificação e o cálculo da realidade, expressar-se bem ("bem" deve ser registrado) em sua língua materna e entender ou, melhor, compreender bem o que é expressado, através do discurso escrito ou falado. Isso possibilitaria tornar comum (como saber) toda ou quase toda a realidade da qual as pessoas participam e que estão fazendo. Se ligarmos isso aos versos de Geraldo VANDRÉ, talvez encontremos um significado político (para que e para quem) para o fazer escola:

2 Carlos R. BRANDÃO. *O que é Educação*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

3 Guiomar N. de MELLO. *Educação escolar: paixão, pensamento e prática*. São Paulo: Cortez, 1987.

*"Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer."*

Mas, e quem não sabe?

Espera acontecer, por parte dos que sabem, dos sabidos!

Não seria bom tornar a todos sabidos? Pois, assim, fariam a hora acontecer de modo a interessar ao coletivo, não só a alguns.

O fazer humano competente não dispensa o saber deste fazer: ser humano por inteiro implica, ao mesmo tempo, fazer e saber. Não seriam essas excelentes razões para fazermos, e bem, o trabalho da Escola?

Mas à Educação (e à Educação escolar) cabe também desenvolver a capacidade de saber mais, para além daquele saber transmitido aos alunos, ou seja, a capacidade de saber por conta própria. É preciso ajudar as crianças e jovens a se tornar estudantes e a continuar a sê-lo por toda a vida. É importante que eles passem a ser investigadores reflexivos, do tipo que quer sempre saber as razões de tudo, de cada coisa ou de algum aspecto importante da realidade. É necessário investigar sempre, se quisermos nos dar conta (sermos sujeitos) do que acontece (e que estamos sempre ajudando a acontecer). Ser estudante implica algo novo no discurso pedagógico: **habilidades cognitivas**. Para se tornar investigador competente do saber da realidade, são necessárias certas habilidades (cognitivas) capazes de produzir conhecimentos. Por exemplo: habilidade de observar (quanta gente vê e não enxerga nada!), perceber o que ocorre constantemente ao seu redor.

A partir da visão, observação, torna-se necessária outra habilidade fundamental: a de formular perguntas, levantar questões (ser questionador), perguntar acerca das razões, dos motivos. Em suma, a de ser indagativo!

E, aí, outra habilidade é requerida: a de supor respostas alternativas às questões levantadas, de formular hipóteses plausíveis. E, diante delas, de possuir a capacidade de buscar meios de constatar, verificar, comprovar se tais hipóteses são verdadeiras ou não.

Isto é o mesmo que ser cientista, executor do método científico, criador ou construtor de conhecimentos. E é o que devemos querer dos alunos: que aprendam as habilidades de construir conhecimentos a vida toda. Eles podem aprender estas habilidades cognitivas, se estiverem aprendendo ou construindo conhecimentos sobre o mundo físico (ciências, geografia, por exemplo), sobre o mundo social (história, geografia, sociologia etc.) ou sobre a língua materna e a matemática. Não recebendo informes prontos, fragmentados e acabados, mas sendo convidados a reinventar tais conhecimentos num verdadeiro processo investigativo.

E o que dizer, então, das habilidades cognitivas relacionadas ou implicadas no valioso processo do raciocínio, isto é, das habilidades de estabelecer relações adequadas entre idéias ou vários conjuntos de idéias, de tal forma a ser capaz de perceber entre

elas igualdades, semelhanças, diferenças e contradições ou de perceber que de tais relações se pode concluir (inferir) novas idéias? E não só isso: ser capaz de perceber, nas idéias ou no conjunto delas, o que está subentendido (as pressuposições subjacentes) e, também, de argumentar consistentemente em favor das conclusões a que se chega ou dos próprios pontos de vista.

Pensando apenas nessas habilidades cognitivas, podemos imaginar quão importantes e úteis elas se tornarão na vida das pessoas, especialmente neste nosso mundo complexo, onde ser capaz de entender, de ser sabido por conta própria, de pensar de modo próprio é fundamental à sobrevivência, à participação, ao exercício competente de uma cidadania cada vez mais exigente.

É para tudo isso que precisamos fazer escola. Ou melhor, é para tudo isso que as crianças de hoje (futuros adultos) precisam da Escola.

E nós, da Escola, sabemos oferecer-lhes tudo isso? Melhor: sabemos oferecer-lhes ajuda profissional competente para que consigam tudo isso?

Se tudo isso fosse ficando claro para os alunos à medida que obtivessem esses resultados, não seria automotivador do seu próprio esforço?

Cabe a nós sermos capazes de ajudá-los nesse processo. Para isso, é preciso que tenhamos bem claras as finalidades do fazer da Escola e, obviamente, do como realizar este fazer.

Tais clarezas, no entanto, só serão obtidas com a realização conjunta de muita reflexão investigativa, em co-laboração (trabalho coletivo). Nesta elaboração coletiva (colaboração), iremos clareando as finalidades e, através delas, os conteúdos e a forma (a melhor forma) de fazer o nosso trabalho.

Não há outra maneira para isso. O nosso trabalho educativo escolar (também à noite) depende muito, muito mesmo, de nós. É a nossa chance de sermos sujeitos de uma história gloriosa, freqüentemente heróica e sofrida - mas nossa!

2ª. Questão - Os Jovens Que Vêm à Escola à Noite Querem Mesmo, ou Precisam, de Verdade, Desses Resultados?

Como saber? Novamente investigando reflexiva e rigorosamente.

Há um dado evidente: os jovens, trabalhadores ou não, acorrem, aos milhares, às escolas noturnas. E não vão enganados, pensando que se trata de uma casa de diversões, um bar ou qualquer outro lugar. Provavelmente, têm uma noção, visualizam algo relativo ao que a Escola pode-lhes oferecer. Afinal, até disputam vagas de admissão, conforme muitos dos que trabalham em escolas noturnas já devem ter testemunhado.

Será que esses jovens querem apenas o diploma ou o certificado de conclusão dos cursos? Não parece ser só isso. Querem, por certo, também os produtos, ou alguns produtos da Escola. Se puderem ter um certificado recheado dos conteúdos de que falamos antes e das habilidades cognitivas, estarão bem mais contentes. Se souberem, antes e durante o processo, que isso é possível, certamente irão querer ainda mais a Escola e o seu trabalho: estarão motivados.

Não me ocorre que os jovens que vêm às escolas à noite não queiram aprender (ou construir) conhecimentos a respeito do mundo físico e social, da Matemática e da Língua Portuguesa, assim como que não desejam saber pensar melhor (habilidades cognitivas) e saber pensar por si próprios.

Se não têm isso muito claro (nós mesmos demoramos a tê-lo!), por certo vislumbram esses resultados como desejáveis e possíveis. Chegam a dizer-nos isso de maneira, muitas vezes, confusa, demonstrando possuir expectativas a respeito. Admiram os que detêm o saber, respeitam os professores que realmente sabem e, mais ainda, aqueles que sabem e conseguem ajudá-los a saber também.

Quem de nós, que trabalha ou trabalhou nos cursos noturnos, já não constatou tudo isso ao menos na maioria dos alunos?

Talvez eles não tenham idéias claras quanto a tudo que precisam no tocante aos conhecimentos e às habilidades cognitivas, nem clarezas suficientes quanto aos esforços que deverão despende para conseguí-los. Todavia, nós, os educadores da Escola, precisamos ter essas clarezas e ir, progressivamente, mostrando aos alunos tais necessidades, bem como o que precisam fazer para satisfazê-las. Esse é o nosso papel. E não só: também apoiar e encorajar os mais fracos, os que possuem maiores dificuldades.

Não é tarefa fácil. Temos de oferecer serviços, de ter clareza cada vez maior a respeito da validade deles para nossos "clientes" e, ainda, de evidenciar para estes a necessidade desses serviços, bem como ajudá-los a se servir deles a contento.

Isso é trabalho educacional dos mais árduos e gratificantes: a promoção humana-dos profissionais da Educação e dos alunos dos cursos noturnos - em condições, muitas vezes, as mais adversas.

Com relação a essa segunda questão, tais reflexões nos levam ao seguinte: os serviços e os resultados que a Escola pode oferecer aos alunos dos cursos noturnos são, de fato, necessários para que estes se promovam humanamente na sociedade atual. Os alunos que demandam tais cursos sabem isso de alguma forma, embora não com toda a clareza. Cabe, pois, aos educadores da Escola noturna tornar progressivamente claro aos seus alunos e a si próprios o que devem fazer para poderem-se apropriar convenientemente de tais serviços e resultados.

Tal trabalho só será possível se feito coletivamente, em co-laboração (em "laboração" coletiva), e a partir de muita clareza, por parte desse coletivo, dos propósitos (da proposta) da Escola.

3ª. Questão -A Forma ou Maneira Como Trabalhamos na Escola Ajuda Mesmo a Conseguir os Resultados Desejados ou Necessários?

A partir de muitos dados e observações, é possível levantar questões, formular hipóteses, tentar verificar, constatar, argumentar e firmar alguns pontos de vista. Podemos investigar reflexivamente... investigar sempre é preciso se quisermos algumas clarezas.

Anteriormente, algumas questões a esse respeito já foram formuladas. Duas delas convém retomar aqui: estamos satisfeitos com a forma como temos trabalhado, especialmente nos cursos noturnos? E os alunos?

As nossas observações e dados mostram que a resposta a ambas as questões é não, para muitos professores e alunos.

Que forma de trabalhar é essa que desagrade a tanta gente envolvida com a Escola noturna e que produz tão poucos resultados bons?

Tudo indica que é um misto de várias coisas. Vejamos:

- As aulas não são preparadas.
- Elas parecem não ter (ou não têm mesmo) nada a ver com uma proposta global de trabalho da Escola.
- Seus conteúdos não estão claramente encadeados, perfazendo uma seqüência progressiva e complementar: as aulas e seus conteúdos parecem não ter nada a ver uns com os outros.
- As aulas constam de, praticamente, exposições não-dialogadas e feitas na forma de pacotes prontos de informações, simplesmente depositados nas cabeças dos alunos; não há diálogo, elaboração individual e coletiva dos assuntos tratados.
- As explicações ou exposições dos professores são feitas, com freqüência, em linguagem que os alunos não entendem (assistir a uma palestra a qual não se entende não motiva nem um pouco!).
- As explicações ou exposições, mesmo quando bem-feitas, param por aí; não há, via de regra, outra forma de abordar o assunto exposto (por exemplo, um estudo dirigido, um debate, uma pesquisa individual ou em grupo, ou o convite a aplicá-lo a alguma situação prática etc.).
- Os assuntos das aulas (quase sempre expositivos) raramente são introduzidos com alguma problematização que desafia para a compreensão do tema ou, mais raramente ainda, são apresentados mostrando sua ligação com a realidade ou com aspectos da vida dos alunos, próximos ou remotos.

- A forma de averiguar a compreensão dos assuntos tratados se dá por meio de questionários contendo perguntas nem sempre formuladas com clareza e inteligência.
- A avaliação mais parece um "ir à forra" ou um ajuste de contas, e não um processo tranqüilo e sério de todos diagnosticarem os resultados obtidos, as causas dos sucessos, com vistas não a notas, mas a correções de percurso, quando é o caso, ou à manutenção de procedimentos que estão dando certo.
- Nem desafios nem processos, em que os alunos são convidados a constantes ações (atividades), operações com idéias (comparar, aproximar, distanciar, constatar, contrastar, opor, explicitar, definir, explicar, analisar, sintetizar etc.), estão envolvidos nessa forma de trabalhar em sala de aula; os alunos tampouco são convidados a elaborar produções próprias, escolhidas por eles mesmos etc.

Aulas trabalhadas dessa forma podem agradar, motivar alguém, bem como produzir efetivamente conhecimentos e habilidades cognitivas nos alunos? Se essa não é a forma de se trabalhar na Escola, como ela deveria ser?

Continuando as investigações a esse respeito, algumas hipóteses podem ser levantadas. Mas não as esgotaremos aqui; também não indicaremos formas específicas de trabalho escolar. Podemos, no entanto, pensar em alguns indicadores.

- É preciso, de uma vez por todas, convencer-mo-nos de que a Escola precisa de uma proposta educacional coletiva de trabalho, elaborada ou construída com a **participação de todos** os seus educadores, na qual cada componente curricular ganhe significação no todo e os resultados gerais ou globais e uma certa política de trabalho (o tom geral da forma de trabalhar) sejam dados.
- Existindo essa proposta coletiva, por todos elaborada e assumida, cada um se sentirá mais seguro no seu trabalho, tendo algo mais consistente e significativo a apresentar aos alunos. Estes, os "clientes", sentir-se-ão mais seguros e confiantes, e envolver-se-ão não em qualquer coisa sem nexos, mas em algo que tenha sentido global.
- Uma proposta coletiva de trabalho educacional escolar só poderá prosperar se assumida efetivamente por todos, o que implica tarefas a cumprir (colaborativamente determinadas) e contas a prestar ao grupo como um todo e àqueles representantes por este legitimados, especialmente em etapas ou momentos do processo. Esses representantes legitimados podem ser, por exemplo, o diretor da Escola, o coordenador pedagógico e os coordenadores de áreas. A eles deve caber a necessária liderança e "autoridade-serviço" que vem do grupo e a ele retorna para garantir o que o próprio grupo propôs.

Se é uma proposta global - com começo, meio e fim - e com previsão de mecanismos de ajustes, ela deve contemplar compromissos de cada parte atuante (ou seja, de cada participante), e isto passa por aulas:

- que sejam partes claras de uma programação bem-articulada;
- que sejam seqüências claras umas das outras e onde se perceba uma ampliação progressiva no trato dos temas, bem como um cuidado constante com a aprendizagem-construção dos conhecimentos a eles relativos e com as habilidades cognitivas;
- que, quando expositivas, não sejam feitas dogmaticamente, nem apresentem pacotes prontos e acabados de informações, partindo sempre de situações problematizadas; antes, que haja um convite constante e persistente ao diálogo com os alunos, terminando sempre por indicar outras atividades, nas quais os alunos deverão retomar o assunto tratado, elaborá-lo e reelaborá-lo de alguma forma;
- que respondam sempre à proposta de uma forma de trabalho ativa e operatória, capaz de proporcionar aos alunos a construção pessoal e coletiva dos conhecimentos e o desenvolvimento e aprimoramento das habilidades cognitivas;
- que coloquem a avaliação não como ameaça, mas como um processo natural de diagnóstico dos resultados alcançados ou não e das providências a serem tomadas em casos de desempenhos negativos; etc.
- Como trabalho coletivo que depende de partes, de indivíduos, é fundamental que o seu processo seja acompanhado pelo grupo e, em especial, pelas coordenações pedagógica e de áreas (quando houver).

Há, certamente, outros indicadores de aspectos e providências que precisam ser cuidados ou tomados para que a forma de trabalhar em uma Escola seja tal que não apenas agrade aos que nela estão envolvidos, mas também garanta os resultados pretendidos.

Por certo, há mais o que pensar a esse respeito.

4ª. Questão - É Mesmo Possível Fazer Alguma Coisa na Atual Situação das Escolas Noturnas?

Ao ser colocada anteriormente, essa questão foi assim desdobrada:

- O que cada professor, diretor, coordenador pedagógico pode fazer?
- Ou será que essa tarefa não cabe a cada um, mas ao conjunto, ao coletivo?
- Ou, ainda, a ambos: ao coletivo e a cada um?

Essa reflexão investigativa pode-nos apontar, aqui, dois caminhos: um diz respeito ao que é possível fazer nas atuais condições; outro refere-se à possibilidade e necessidade do envolvimento das pessoas com a busca de saídas, não só individualmente, mas também, e principalmente, de forma coletiva.

Com relação ao primeiro caminho, convém confessar que as atuais condições (de trabalho, infra-estrutura nas escolas, motivação, salário etc.) não estão facilitando muito o fazer algo pelas escolas noturnas.

Mas, mesmo assim, isso ainda é possível?

Certamente. Afinal, temos ido às escolas noturnas com regularidade; estamos entrando em sala de aula, na maioria das vezes nos horários combinados; temos dado aulas, "aplicado" e analisado instrumentos de avaliação etc. Tudo isso apesar das condições atuais!

Além de lutar pela mudança das condições atuais nas escolas públicas noturnas (até isto nos compete fazer!), é possível ainda melhorar nossas aulas, avaliações, relações com alunos e pares.

Na terceira questão, colocada anteriormente, sobre a forma como temos feito a Escola noturna, há uma listagem da qual se podem tirar indicações para se fazer melhor o trabalho realizado atualmente. Dentre tais indicações, vale ressaltar a necessidade de clareza quanto ao que pretendemos com o trabalho que desenvolvemos.

Vale ressaltar, também, que fazer melhor e com mais clareza o que desenvolvemos, mesmo nas condições atuais, pode ser um fator de maior satisfação para todos nós e de maior benefício para os jovens que procuram a Escola noturna. Isto porque eles podem ser ajudados a se tornar cidadãos mais envolvidos, participantes, críticos, sendo, por isso, força mais organizada na luta necessária por melhores condições de vida na sociedade - incluindo aí a luta por melhores condições de trabalho nas escolas.

Esse é um discurso nada adequado ou significativo para os que pensam de forma imediatista. No entanto, cabe para quem pensa prospectivamente, para quem pensa numa história humana possivelmente melhor, cujas sementes precisam ser plantadas hoje.

Se não for nesta perspectiva, conseguiremos trabalhar confiantemente? Se não tivermos utopias, poderemos pensar em mundos melhores? Se não pensarmos na luta para todos - ainda que sejam os do futuro, sem nós -, teremos outras razões para lutar, agora, a fim de que algo melhor aconteça? É possível, mesmo, fazer algo?

Nossas investigações reflexivas indicam que não só é possível, mas também necessário fazer algo - e por ser necessário, temos o dever de fazer. Um dever que ninguém nos impõe, mas que assumimos por conta de necessidades objetivas nossas e dos outros, intrínsecas a uma certa maneira de ver o mundo e as pessoas nele inseridas.

Isso nos leva a uma certa ética que compromete. Leva-nos, também, a refletir sobre a outra parte desta questão: faremos sozinhos ou com os outros, coletivamente, o que for sendo possível fazer?

Fazer com os outros: laborar com os outros. **Co-laborar**. A idéia de fazer conjuntamente, ao que parece, indica maiores possibilidades de sucesso. As forças de cada um, somadas às forças dos outros, podem levar a uma força de atuação maior, mais poderosa. A co-laboração parece indicar mais chances de sucesso que a laboração individual. A construção e a realização coletiva da proposta de trabalho podem garantir mais os resultados desejados. Só que o coletivo passa, necessariamente, pelo individual, ainda que este não seja a simples soma de indivíduos.

Se cada um não assumir "co-laborar" - isto é, trabalhar, de fato, junto com os outros; dar a sua cota; cumprir individualmente o combinado coletivamente; pedir socorro aos outros e, por sua vez, ajudá-los quando há pedidos etc. -, o trabalho coletivo não ocorre. Ou melhor, o trabalho, o proposto, não acontece.

E isso é possível? Há condições para tanto?

Sim. Algumas poucas condições concretas têm surgido, cabendo apropriarmo-nos delas e fazê-las frutificar. Tais condições não são benesses gratuitas, mas resultado de lutas anteriores. Compete-nos utilizá-las e ampliá-las.

Uma das formas de lutar por sua ampliação é utilizá-las de tal maneira que os resultados escolares comecem a se mostrar melhores. Isso indicará que devem ser preservadas e, se se desejar resultados ainda melhores, ampliadas. Estou pensando aqui nas horas contratuais, já presentes em várias escolas, destinadas às reuniões pedagógicas e à realização de atividades que podem melhorar a qualidade do trabalho escolar.

Estou pensando ainda em algumas condições de autonomia da Escola (do seu conjunto de pessoas), as quais permitem decisões e encaminhamentos por conta daqueles que mais sabem (ou que mais deveriam saber!), sobre o que é preciso e conveniente fazer, sobre as necessidades objetivas dos alunos que demandam às escolas. Trata-se de algumas condições de autonomia. Autonomia relativa, portanto. Mas alguma autonomia. Isto também é um pequeno fruto de lutas anteriores, que se deve saber aproveitar e ampliar.

Há muito o que fazer. Convém ir realizando o que é possível e criando condições para se fazer mais no futuro próximo.

5ª. Questão - E Há Algumas Saídas Já Encontradas?

Não cabe, neste texto, relatar experiências que deram certo ou, mesmo, transcrever resultados de pesquisas ou investigações que apontem para as "saídas". Talvez coubesse fazer o levantamento das experiências que deram certo e o levantamento das investigações ou pesquisas acima referidas. Os outros são parceiros de caminhada, histórica e suas contribuições podem ser valiosas.

Que tal olhar para o lado e verificar o que outros estão fazendo? Talvez seja possível enxergar caminhos já trilhados e querer trilhá-los também.

Que tal ler algumas boas coisas já publicadas por aqueles que se deram ao trabalho de refletir indagativamente sobre os cursos noturnos e, a partir daí, pensar e indagar a nossa própria experiência e as possibilidades reais de modificá-la para melhor?

Uma boa leitura provocativa para debates, reflexões coletivas, e que serve de subsídio à construção da proposta educacional da Escola noturna, pode ser encontrada na bibliografia apresentada ao final deste texto.

O fato é que pessoas que se debruçaram sobre as questões relativas aos cursos noturnos podem-nos oferecer reflexões, nas quais é possível nos envolvermos com vistas à construção do nosso projeto coletivo de trabalho. Essas reflexões, indicadoras de algumas saídas, mais o olhar de lado para as experiências dos outros e o olhar atento às nossas próprias possibilidades, podem ser um bom recurso para os acertos que estejamos desejando.

O importante, no entanto, como primeiro passo, é desejar construir um curso noturno que responda efetivamente às necessidades de tantos alunos que a ele demandam.

O segundo passo, por certo, é nos envolvermos decididamente em tal construção. Os outros passos virão por conta da necessidade de fazer este caminho, caminhando. Nós mesmos podemos ser uma saída.

Bibliografia

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é *Educação*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CAPORALINI, Maria Bemadete Santa Cecília. *A transmissão do conhecimento e o ensino noturno*. Campinas: Papyrus, 1991.

CARVALHO, Célia Pezzolo de. *Ensino noturno- realidade e ilusão*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.

_____. A ilusão da escola e a realidade do trabalho: o ensino noturno de 1 ° grau. *Ande*, São Paulo, p. 13-18, 1981.

MELLO, Guiomar Namó de. *Educação escolar: paixão, pensamento e prática*. São Paulo: Cortez, 1987.

SILVA, Teresa Roserley N. da et alii. *A escola pública e o desafio do curso noturno*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.